

A fábula do pequeno Sultão

Fernando de Tacca

Brasil. Fotógrafo e Livre Docente pela Unicamp. Criador e editor da Revista Studium (2000 – 2019). Bolsa Vitae de Artes 2002; Prêmio Pierre Verger de Fotografia 2004 - ABA; Prêmio Zeferino Vaz de Reconhecimento Acadêmico - Unicamp/2006; Prêmio Nacional de Fotografia Marc Ferrez 1984/2010/2014. Professor Visitante na Universidad de Buenos Aires/2004 e na *Osaka of Foreign Studies University* - Japão/1995/1997. Pós-doutorado na *Universidad Complutense de Madrid*/2011 e na *Universidad de Zaragoza*/2019 (Bolsas FAPESP). Autor dos livros: A Imagética da Comissão Rondon (Papirus/2001); Imagens do Sagrado (Ed. Unicamp/IMESP/2009); Souvenirs (Ed. Unicamp/2015); Colecionadores Privados de Fotografia no Brasil (Intermeios/2015); Imagens Improváveis (Editora da Unicamp/2023); e também fotolivros independentes. Publicou mais de setenta artigos, capítulos de livros e ensaios fotográficos em revistas nacionais e internacionais.

fernandodetacca@gmail.com

A fábula do pequeno Sultão

Resumo

Manifesto e intervenção digital na exposição *Corps à corps_Histoire(s) de la photographie (Paris)*, realizada no *Centre national d'art et de culture Georges-Pompidou (Beaubourg)*, entre setembro/23 a março/24. Como uma fábula, um rinoceronte invade a exposição, o cartaz, o ambiente do museu como uma forma de protesto contra uma curadoria com visão eurocentrada em uma coleção particular e na própria coleção do museu.

Palavras-chave

Intervenção digital, Fotografia, Manifesto, Fábula, Beaubourg

The fable of the little Sultan

Abstract

Manifesto and digital intervention in the exhibition *Corps à corps_Histoire(s) de la photographie (Paris)*, held at the *Centre national d'art et de culture Georges-Pompidou (Beaubourg)*, from September/23 to March/24. Like a fable, a rhinoceros invades the exhibition, the poster, the museum environment as a form of protest against a curatorship with a Eurocentric vision in a private collection and in the museum's own collection.

Keywords

Digital intervention, Photography, Manifesto, Fable, Beaubourg

La fábula del pequeño Sultán

Resumen

Manifiesto e intervención digital en la exposición *Corps à corps_Histoire(s) de la photographie (París)*, celebrada en el Centro Nacional de Arte y Cultura Georges-Pompidou (Beaubourg), del 23 de septiembre al 24 de marzo. Como una fábula, un rinoceronte invade la exposición, el cartel y el entorno museístico como forma de protesta contra una curaduría con una visión eurocéntrica en una colección privada y en la propia colección del museo.

Palabras clave

Intervención digital, Fotografía, Manifiesto, Fábula, Beaubourg

A GARÇONETE - Bom dia senhores, que desejam beber?

(Os ruídos tornam-se muito fortes)

JEAN - (a **Bérenger** e quase gritando por se fazer ouvir apesar dos ruídos que ele não percebe conscientemente)

Não, é verdade, eu não fui convidado. Não me deram esta honra... De todo jeito, posso assegurar que mesmo que tivesse sido convidado, não teria ido, por que...

(Os ruídos aumentaram muito)

O que está acontecendo? (Os ruídos do galope de um animal potente e pesado estão bem próximos, muito acelerados; ouve-se o seu bufar) Mas o que é que se passa?

A GARÇONETE - Mas o que se passa?

(**Bérenger** sempre indolente, sem dar mostras de compreender o que se passa, responde tranquilamente a Jean, ao assunto do convite; mexe os lábios; não se ouve o que ele diz; Jean ergue-se de um salto, deixa cair sua cadeira ao levantar, olha do lado esquerdo dos bastidores apontando com o dedo enquanto, **Bérenger** sempre um pouco indolente permanece sentado)

JEAN - Oh, um rinoceronte!

(Os ruídos produzidos pelo animal surgem com a mesma rapidez, de tal forma que já se pode distinguir as palavras que se seguem)

JEAN - Oh, um rinoceronte!

A GARÇONETE - Oh, um rinoceronte!

Eugène Ionesco - “O Rinoceronte” (1959)



Figura 1 – Fernando de Tacca, fotografia, 2023.

Certo dia nesse ano de 2023, fizemos uma visita com uma amiga ao Beaubourg (*Centre national d'art et de culture Georges-Pompidou*), em Paris, no qual vimos a exposição *Corps à corps Histoire(s) de la photographie*. Na saída, na loja de souvenirs, ela me perguntou se eu achava bonito um rinoceronte vermelho, meio infantil, um bicho de pelúcia. Percebi sua intenção de comprá-lo para me presentear; e eu não gostei do rinoceronte. Ela sabia da minha “adição” ao animal, pois conhecia minha série fotográfica na qual inseri muitas imagens de rinocerontes criados por artistas em obras de arte conhecidas, – uma referência ao dinossauro do poeta guatemalteco Monterosso.

Passados alguns dias ela chegou em nossa casa com um pequeno rinoceronte de presente. A contrário do souvenir do Pompidou, esse era uma réplica perfeita dentro do imaginário natural de força e vigor sobre o rinoceronte, ou seja, um simulacro. Na definição de simulacro, na origem do latim *simulacrum*, encontramos como conceito a ideia de falsificação, imitação e também de ficção. Entre estes conceitos nossa réplica e sua narrativa se encaixa no conceito ficcional da fabulação.

Ela havia passado o dia anterior todo em busca de uma miniatura do animal, em inúmeras lojas, mas foi encontrá-lo numa feira anual na rua em que vivemos em Paris (Rue de la Roquette). Uma feira muito grande, com muitos expositores de todo o tipo de objetos usados e novos - um lugar urbano propício para uma flaneur, e no caso em seu próprio bairro. Ou seja, esse rinoceronte estava ali aguardando a passagem dela e a sua precisa atenção; uma relação de encontro e sincronicidade, talvez uma espera da miniatura para encontrar um novo imaginário, longe dos muito objetos estranhos ao seu redor.

Eu não gostei muito da exposição, por vários motivos. Tinha um eurocentrismo exacerbado, talvez pelo fato de ser uma curadoria de uma coleção privada e da coleção do próprio museu estava aprisionada na primeira, mas condutora da narrativa. O título era muito aberto, algo recorrente em exposições de museus hoje em dia. Uma generalidade na qual cabe qualquer imagem, principalmente dos clássicos e reconhecidos artistas, e foi o caso, salvo algumas excelentes surpresas. O “s” de muitas

histórias da fotografia é uma armadilha curatorial, que penso, ser reducionista - ou estratégia de marketing cultural - mas do que expansionista de outras histórias da fotografia.

A exposição tem inserções pontuais de artistas latino-americanos, asiáticos e africanos. O caso mais paradigmático é do Japão. Havia um espaço inteiro dedicado ao movimento Provoke que claramente integra a história da fotografia, sem “s”. Embora seja necessário afirmar a sua importância na história da fotografia japonesa, é ainda mais crucial dar a ver outras histórias(s) do Oriente. Inserir clássicos europeus como Cartier-Bresson ou Brassai (e nesse caso, incompreensível a ligação das imagens escolhidas com a temática da exposição: fotos da janela durante a libertação de Paris), parece manter o mais do mesmo já dado na história da fotografia sem “s”. Novamente nos deparamos com uma ausência significativa da fotografia não europeia e não estadunidense, outros “s”.

O fato do meu envolvimento com o rinoceronte, muito chamativo ao meu olhar na sua presença na história da Arte, principalmente depois de uma visita à exposição de Roberto Fabelo no Centro Cultural Conde Duque, em Madrid, me levou a outras representações artísticas do animal. O rinoceronte foi um animal que alguns artistas mais recentemente muitas vezes elegeram como lugar do exótico distante (Niki de Saint Phalle e Roberto Fabelo), ou mesmo ainda, olhando, mas para trás, Albrecht Dürer, Pietro Longhi e Jean-Baptiste Oudry. Ou ainda a obra amplamente teatralizada de Eugène Ionesco, “O rinoceronte”. O fato de ser quase pré-histórico e não presente na continente europeu, me motivou a pensar numa invasão ao museu e à exposição. A intervenção virtual em forma de montagens ocupa o espaço dado e não dado, extrapolando, assim, a própria exposição, libertando o animal da existência curatorial simbólica, circulando e passeando livremente pela experiência espacial do museu.

Associado e sincrônico às minhas percepções, um fato foi marcante e decisivo na fabulação. Em 2023, o último rinoceronte-branco-do-norte, Sultão, foi sacrificado pelas doenças da idade, 45 anos, no Quênia, e vivia protegido por guardas armados garantir a sua preservação contra caçadores, pois está em vias de extinção. Sua morte,

e sua história pessoal, foi impactante para mim e para muitos que acompanharam sua história. Algumas das suas imagens icônicas percorreram o mundo, algumas já antes muito divulgadas. Um rinoceronte em extinção sendo vigiado para não ser caçado, e muito próximo de seus guardadores, emergiu um elo afetivo construído no dia a dia da proteção. Assim, resolvi fazer uma homenagem a Sultão dando o seu nome ao meu pequeno rinoceronte. Então, decidi que o meu pequeno Sultão invadiria o Pompidou, trazendo o debate sobre a história, o etnocentrismo e o colonialismo. O animal simboliza, desta forma, a invasão histórica na falta de algum “s”, ou na falta de plural marcado pelo “s” curatorial. Materializa-se na virtualidade invasiva da montagem, uma ausência, lembrada, aqui, pela ideia associativa de uma extinção real com uma extinção pela não memória visual.

O pequeno Sultão identifica-se com o personagem Béranger da obra de Ionesco, o único que resiste e não se transforma em rinoceronte. De uma maneira contraditória, o pequeno Sultão, como um personagem, é o único que não se transforma, que resiste na sua identidade animalesca contra a massificação da cultura visual, ou na ideia de um mesmo lugar, uma história sem “s”. Ele simboliza uma resistência individual, com todas suas características sedutoras que cativaram a muitos artistas, os muitos Béranger resilientes. O personagem de Ionesco é, de certa forma, considerado frágil, um tanto indolente, um tanto marginalizado, e a sua fala evoca a temporalidade da vida e sua relação com a morte. Assim, assumir a fragilidade do grande Sultão e sua morte anunciada, torna o pequeno Sultão próximo das angústias do personagem de Ionesco; e ele, o pequeno Sultão, não se humaniza, não é um minotauro ou aceita qualquer antropomorfismo, é somente um rinoceronte em processo imagético. Evoca-se, assim, uma teatralização imagético do absurdo e de um imaginário improvável; ao se identificar simbolicamente com o personagem de Ionesco, o rinoceronte muda de lugar e será nele que se alentar uma insolente rebeldia.

Assim, visitei o museu muitas vezes para fotografar e pensar nas intervenções. Uma forma de dar vida ao meu pequeno Sultão e transformá-lo num invasor virtual do espaço de arte, como uma espécie de ritual mortuário do grande Sultão. Ao mesmo tempo, uma crítica visual à curadoria da exposição. O pequeno Sultão, então, passou a

habitar a capa do catálogo, os cartazes da exposição, invadiu espaços subindo a icônica fachada do museu ou apresentando-se numa sala vazia, tornou-se souvenir na loja, e teve uma projeção em 3D na própria fachada do museu. Não contente, fez uma self na máquina automática de fotografias no museu e até mesmo invadiu outras exposições no próprio museu (cartaz no metrô da exposição Gilles Aillaud -Animal politique).

O pequeno Sultão ganhou vida ao ritualizar a morte do grande Sultão no espaço paradigmático da arte: como um rito de passagem, tudo se torna fugaz e efêmero entre o antes e o depois. Transformou-se num poderoso signo libertário ao evocar o grande Sultão, revertendo o etnocentrismo europeu, como o fez o cineasta e antropólogo Jean Rouch, quando em sua experiência fílmica original no encontro como outro, levou seus amigos africanos para “invadir” Paris e pensar os valores da sociedade francesa. Como uma fábula, penso que o pequeno rinoceronte e o personagem Bérenger se encontram envoltos no absurdo de estarem sendo colocados lado a lado, e se identificam na minha estranheza; na minha própria fabulação, à margem.

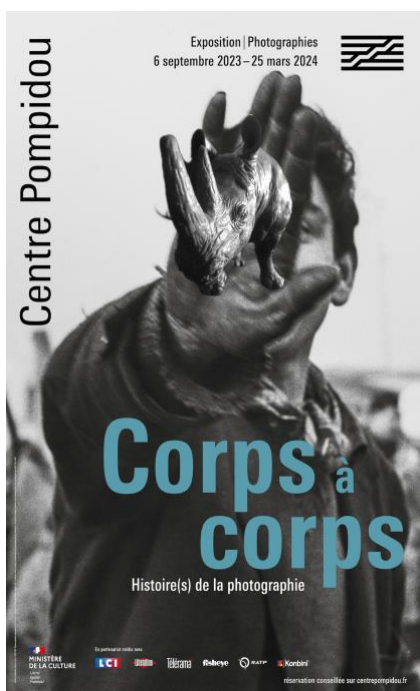


Figura 2- Catálogo da exposição, Corps à Corps, Centre Pompidou, 2023.



Figura 2 - Fernando de Tacca, 2023.



Figura 4 – Fernando de Tacca, fotografia, 2023



Figura 5 – Fernando de Tacca, fotografia, 2023



Figuras 6 e 7 – Fernando de Tacca, fotografia, 2023



Figura 8 – Fernando de Tacca, fotografia, 2023



Figura 9 – Fernando de Tacca, fotografia, 2023



Figura 10 – Fernando de Tacca, fotografia, 2023.

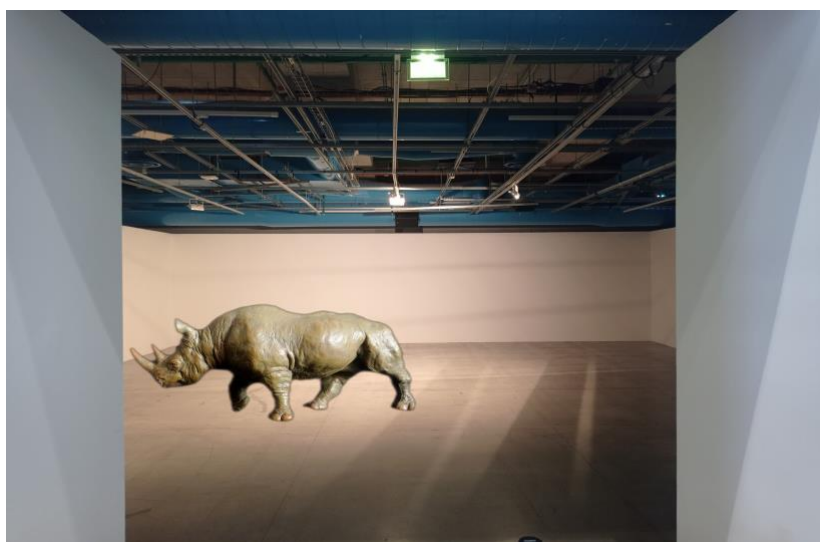


Figura 11 – Fernando de Tacca, fotografia, 2023.

Referências

- CENTRE POMPIDOU. *Corps à corps: histoire(s) de la photographie*. Paris: Centre Pompidou, 2023. Catálogo de exposição. Exposição realizada de 6 set. 2023 a 25 mar. 2024.
- IONESCO, Eugène. *Rhinocéros*. Paris: Gallimard, 1959.